

APRESENTAÇÃO

Pensar a transformação hoje obriga a pensar utopicamente, isto é, prever diversos tipos de futuro possíveis e a escolher entre eles. Desacreditamos a utopia, é preciso reabilitá-la. (Henri Lefebvre, 1991)

Esta edição é apresentada com entusiasmo utópico, do pesquisador que necessita da utopia para projetar-se, sem esmorecer. Sobretudo, em tempos de guerras, conflitos, deportações em massa, exercícios desumanizantes de expressão de poder, tais como aqueles que se desenham nas primeiras ações do novo governo Trump, nos Estados Unidos, espelhando tendências globais, que tendem ao terror. É no exercício da utopia com vistas à emancipação que o trabalho intelectual acadêmico sobrevive e ressignifica caminhos. Alento!

Nesse sentido, esta edição reflete, mais uma vez, o esforço conjunto da comunidade acadêmica, expressa no trabalho voluntário e colaborativo de professores, colegas, funcionários, alunos, pareceristas internos e externos.

A qualidade dos temas retratados neste número, para além do empenho dos autores, revela tendências no campo do “esperançar” (lembrando Paulo Freire). São temas pertinentes, relevantes, que levantam discussões com potencial reflexivo, tangenciando mobilizações com vistas à construção de uma sociedade melhor.

Neste intento, que nossa revista seja palco para vozes e instrumento para a transformação social.

Fecho a apresentação da edição e reitero o convite a pesquisadoras/res, trabalhadoras/res sociais, profissionais e estudantes que compartilham de nossa proposta para que façam parte da construção que almejamos.

Boa leitura!
Diane Portuguezis

Em **artigos**: abre a edição o texto “O ESPAÇO FAMILIAR NA PANDEMIA DA COVID-19: RETRATOS A PARTIR DO ESPAÇOGRAMA” de Caio Henrique Almagro Carvalho, Maíra Bonafé Sei e Rebeca Nonato Machado. A pesquisa de cunho qualitativo investiga, a partir do uso do espaçograma, como famílias no Paraná lidaram com o isolamento durante o período pandêmico. A investigação contribui “para avaliação do espaçograma como um recurso para coleta de dados junto a casais e famílias, especialmente em momentos atípicos e de sofrimento familiar”.

O segundo texto da edição, desenvolvido pelas autoras Clarissa De Franco, Renata Canal e Claudia Antunes Moraes intitulado- “IMAGENS DE FEMININO E MASCULINO PELO JOGO SÍMBOLOS DO INCONSCIENTE EM MULHERES LÍDERES DE CÍRCULOS SAGRADOS” trata-se de pesquisa que aborda revisões conceituais entre Psicologia pós-junguiana e gênero revelando ineditismo metodológico no campo: o jogo Símbolos do Inconsciente, desenvolvido com base em fundamentos da Psicologia Analítica e validado em pesquisa de Pós-Doutorado em Psicologia Clínica, como técnica para uso na prática clínica junguiana.

O próximo texto, “VIAGEM AO UNIVERSO DAS SÉRIES TELEVISIVAS: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE OS MECANISMOS PSÍQUICOS PRESENTES NO TELESPECTADOR” de Letícia Costa Cruz e Thalita Lacerda Nobre nos apresenta, de forma leve e didática, aspectos interpretativos de base psicanalítica para a prática conhecida como “maratonar séries”. A pesquisa demonstra que “o hábito em assistir séries televisivas está envolvido com diversos mecanismos da psique para além da identificação com os personagens e construção de ideais, mas também fantasias, projeção, introjeção”.

O ensaio “REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE: AS MULHERES, A SUBJETIVIDADE SOCIAL E O TORNAR-SE SUJEITO” escrito por Laís Faber de Almeida Rosa e Valéria Deusdará Mori discute, de modo sensível e ao mesmo tempo pontual, a relação entre a subjetividade social e a representação das mulheres e seus posicionamentos na sociedade contemporânea. Fundamentado na Teoria da Subjetividade (González Rey & Mitjans Martínez, 2017) dialoga com livros que discutem biografias e produções intelectuais de Virginia Woolf e Hannah Arendt, assim como

também com produções audiovisuais amplamente conhecidas, dos estúdios Disney, que retratam figuras femininas “que ora apresenta as mulheres como princesas, ora como vilãs (...). De forma ilustrativa (...) as princesas representadas por muitas décadas seriam as mulheres que não podem se expressar e devem obedecer ao que lhes é designado, pois ‘elas não sabem o que dizem’. E as vilãs são mulheres loucas e, geralmente, frustradas que também ‘não sabem o que dizem’ e devem ser isoladas da sociedade e afastadas das princesas. (...) Ao refletir sobre as imagens referenciais de mulheres e as representações presentes em nossa sociedade, percebe-se que o estereótipo desse gênero oscila entre duas polaridades: ora a mulher é uma pessoa amorosa, afável, que sonha com o amor romântico e uma família; ora é uma pessoa amarga, vilã e louca que não segue o primeiro ‘molde’ de ser mulher. Afinal, o que é ser mulher? Questionam as autoras.

O artigo “QUANDO A RELAÇÃO ADOECE: O SOFRIMENTO NA TRÍADE MÃE-PAI-FILHO A PARTIR DO FILME ‘PRECISAMOS FALAR SOBRE KEVIN’” de Gustavo Soares Domingues, Flávia Santos Silva, Hellen Vite de Andrade, Roberta Melo Ferreira Veloso e Thalita Lacerda Nobre parte do filme “Precisamos falar sobre Kevin” para discutir as influências de padrões de apego e objetos internos no desenvolvimento emocional do personagem principal. Por meio de revisão narrativa da literatura psicanalítica e análise fílmica sob égide da psicanálise os autores revelam o cenário sociocultural contemporâneo enquanto exacerbador do narcisismo e do estabelecimento de contextos que enfraquecem o estabelecimento de relações interpessoais e reconhecimento de si. A leitura aponta questões muito atuais, ampliando nossa percepção para a problemática envolta à formação de vínculos seguros.

O manuscrito “A DESQUALIFICAÇÃO DO AUTISTA PELO DISCURSO RELIGIOSO: IMPLICAÇÕES DE ESTIGMA E INCLUSÃO PERVERSA” da dupla Rodrigo Vieira de Freitas e Janaína Brito de Assis Freitas discute, de modo contundente, sobre como diálogos veiculados por organizações religiosas de expressão nacional desqualificam e propõem o reconhecimento perverso de pessoas autistas. Em análise cuidadosa, com respaldo da Psicologia Social, denunciam tendência crescente: a desumanização daquele que “diverge”.

Em “ESCUTAR NO CONTRATEMPO: CARTOGRAFIA DO DEVIR-PSICÓLOGA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM UMA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA NO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA/PB” Taysa Rebeca de Oliveira Silva, Laura Gabryelle Fernandes de Medeiros, Ana Clara Monteiro da Costa, Bárbara Pessoa Lima, Alessandra do Nascimento Costa e Anselmo Clemente analisam vivências de uma estagiária de psicologia durante seu estágio curricular supervisionado, em uma Unidade de Saúde da Família em João Pessoa/Paraíba. A reflexão proposta retrata como as interações no serviço de saúde influenciam o processo formativo do futuro profissional psicólogo e, ao mesmo tempo, a produção do cuidado.

Fecham a seção de artigos, as autoras Maria Carolina Rissoni Andery e Gabriella Costa Pessoa, com “ENTRE A CRUZ E A ESPADA: TRANSIÇÕES, PERDAS E LUTO DENTRO DE UMA PENITENCIÁRIA”. As autoras analisam e refletem sobre lutos vividos por pessoas privadas de liberdade, em pesquisa de orientação qualitativa, que visou a compreensão do sentido da religião para a constituição da identidade do presidiário cumpridor de pena, no presídio da Polícia Militar de São Paulo.

Em **relatos de pesquisas** apresentamos: “MOTIVAÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DE ARMAS DE FOGO: UM ESTUDO ENTRE MULHERES” escrito por Aline Kely da Silva Lima, Jakson Luis Galdino Dourado e Larisse Helena Gomes Macedo Barbosa. O grupo investigou motivações do público feminino para a aquisição de armas de fogo em uma clínica de Psicologia de Campina Grande/PB. Ressalta-se a relevância do estudo no contexto do aumento de licenças para armas no Brasil e o resultado da análise, que preenche lacuna existente na literatura sobre as motivações das mulheres para adquirir armas.

Fecha a edição o resumo da **monografia** de conclusão de curso: “ESTRELAS NUNCA MORREM: IDENTIDADE-METAMORFOSE DA PESSOA EM CUIDADOS PALIATIVOS” de João Amâncio do Rêgo Junior, Joice Passos da Silva e Renan Lamberti. O texto retrata a emocionante história de vida de Estrela, que vivencia a metamorfose da sua identidade no contexto do atravessamento de um câncer em estágio avançado. “Estrela (...) reflète a realidade de sofrimento, exclusão e vulnerabilidade da mulher brasileira, trabalhadora, sofredora, mas que não abandona a luta e sonha com seu momento de brilhar” ao mesmo tempo em que nos ensina **quanta vida há em um instante!**